

O Entrelaçamento entre Educação Escolar e Transexualidade em Dossiês de Periódicos Nacionais Brasileiros (1995-2017)¹

The Training Between School Education and Transexuality in Dossiers of Brazilian National Periodics (1995-2016)

Sandro Prado Santos

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

sandro.santos@ufu.br

Elenita Pinheiro de Queiroz Silva

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

elenita@ufu.br

Introdução

No Brasil, trabalhos realizados em áreas como a Antropologia e a Psicologia, sem dúvida alguma, favoreceram para a reflexão e problematização das vidas das pessoas do universo trans na escola, uma vez que esta aparece como espaço de acontecimentos na vida destas pessoas. A dissertação de Marcos Renato Benedetti, intitulada “*Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*”, datada do ano de 2000²; a tese de doutorado em Sociologia da antropóloga Berenice Bento, intitulado *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual* (2003)³; o artigo da mesma autora datado de 2008 - *Na escola se aprende que a diferença faz*

¹ O recorte temporal refere-se ao primeiro semestre do ano de 2017. O texto aqui apresentado é resultado de uma tese de doutorado em andamento e é parte do texto de qualificação já defendido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia – MG (PPGED/FACED/UFU).

² Não tivemos acesso à dissertação de Marcos Benedetti. No entanto, esta foi transformada no livro, Ode mesmo título da dissertação, “*Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*” publicado no ano de 2005.

³ BENTO, Berenice Alves de Melo. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. 2003. 300f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília, Brasília. 2003. Posteriormente, em 2006, a tese foi publicada em formato de livro. BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Coleção Sexualidade, Gênero e sociedade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

a diferença; a tese de doutoramento de Wiliam Siqueira Peres, intitulada *Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania*, (2005b)⁴; a pesquisa de Iván Jairo Junckes e Joseli Maria Silva (2009), sociólogo político e geógrafa política; o trabalho ‘*Gênero, Educação e Diversidade: sociabilidade das travestis nos ambientes educacionais na cidade de Maceió/AL*’⁵ da socióloga Manuella Paiva de Holanda Cavalcanti (2011) são trabalhos que apontam para a vida de travestis e transexuais e seu entrecruzamento com a escola.

A partir das pesquisas referenciadas, emergem outras pesquisas, em campos distintos da área da Educação, que fazem aparecer a relação das pessoas trans com a educação formal, são elas: 1- A dissertação intitulada *Montagens e desmontagens: vergonha, desejo e estigma na construção das travestilidades na adolescência*, 2009, Mestrado em Sociologia, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, defendida por Tiago Duque; 2- a tese de doutorado em Psicologia - *A emergência de professoras travestis e transexuais na escola: heteronormatividade e direitos nas figurações sociais contemporâneas*, defendida em 2012, por Marco Antônio Torres, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Estado de Minas Gerais; 3- a dissertação de mestrado em Psicologia, defendida por Daniela Torres Barros, em 2014, intitulada *A experiência travesti na escola: entre nós e estratégias de resistência*, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco; 4- a dissertação Mestrado em Psicologia, de Robson Batista Dias, *Identidade de gênero trans e contemporaneidade: representações sociais nos processos de formação e educação*, defendida em 2015, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul; e, 5- a dissertação de Mestrado em Geografia, defendida por Ana Carolina Santos, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, intitulada *A construção de corpos travestis: trajetórias que falam de binarismos e subversões no espaço escolar*.

Tanto César (2009) quanto Neil Franco e Graça Aparecida Cicillini (2015)⁶, afirmam o silêncio da área da educação sobre a relação transexualidade e educa-

⁴ Publicado em formato de livro cujo título é *Travestis brasileiras: dos estigmas à cidadania*, Juruá Editora: Curitiba, 2015.

⁵ CAVALCANTI, Manuella Paiva de Holanda. Gênero, educação e diversidade: sociabilidade das travestis nos ambientes educacionais na cidade de Maceió/AL. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11, 2011, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, 2011.

⁶ No artigo, Franco e Cicillini, apresentam um estudo de tipo estudo da arte das pesquisas que se debruçaram sobre a trajetória educacional de pessoas do universo trans e travesti, no período de 2008 a 2014.

ção escolar até final do século XX. Estas autoras e autor afirmam que há, na metade da primeira década do século XXI, a emergência de estudos sobre a inserção e permanência de pessoas *trans* na escola. Elas também assinalam para a relevância das perspectivas pós-estruturalistas para a discussão e debate do tema na área.

Tais perspectivas são trazidas para o Brasil particularmente pelos estudos, trabalhos e traduções produzidas por Guacira Lopes Louro. É assim que uma das obras que marca o campo dos estudos de gênero, sexualidade e educação, é “*O corpo Educado: pedagogias da sexualidade*”, organizada por Guacira Lopes Louro e publicado pela editora Autêntica em 1999. No livro, a organizadora apresenta a tradução de textos de pesquisadores/as consolidados/as no campo dos estudos de gênero, tais como: Judith Butler, Bell Hooks, Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, especialmente, por apontar para outras potencialidades da abordagem da sexualidade, do corpo, do gênero na educação escolar a partir de perspectivas que possibilitaram pensar o que a organizadora defende como “pedagogias da sexualidade”. No conjunto da obra encontramos referências que permitem discutir as formas e os lugares variados como o corpo, o gênero e a sexualidade produzem e sofrem efeitos na sociedade moderna, mas cabe assinalar que nela estão dispostos textos traduzidos de autor(as) estrangeiros(as).

O livro organizado por Louro, marca o campo da educação e abre fronteiras para diversas correntes de investigação, desde os estudos foucaultianos, os *gay and lesbian studies*, até a teoria queer, também introduzida no Brasil pela autora em 2001, com o artigo intitulado ‘Teoria Queer: uma perspectiva pós-identitária para a Educação’, no dossiê ‘Gênero e Educação’, publicado pela Revista Estudos Feminista e, posteriormente, a publicação do livro ‘Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer’ (2004)⁷.

A partir dos trabalhos que anunciamos até aqui, na pesquisa de doutorado que ainda está em curso, nos perguntamos pelo que tem sido produzido, na área da Educação, acerca do entrelaçamento transsexualidade e educação escolar, e, assim nos dispusemos a realizar inicialmente um mapeamento em periódicos nacionais, dos dossiês referentes à temática Corpo, gênero, Sexualidade e Educação em periódicos nacionais, e, a partir deles, reunir elementos que nos permitissem problematizar a discussão sobre transexualidde. No

⁷ LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ziguezaguear discursivo com a produção científica, traçamos e acompanhamos movimentos acorrentados à normatividade e traçados das particularidades fugidas, às vezes quase imperceptíveis. Marcando a imprevisibilidade do caminhar na pesquisa, sem destino prefixado ou lugar seguro de chegada, percebemos que há um emaranhado no campo da produção científica sobre a transexualidade que faz conexões com a Antropologia, Psicologia, Educação, Medicina, Saúde Coletiva, dentre outras. Nos tópicos que seguem passamos então a apresentar o que localizamos no mapeamento realizado.

Movimento de localização dos Dossiês

A imersão nos dossiês, primeiro ocorreu na produção da disciplina eletiva *Tópicos Especiais em Educação em Ciências e Matemática III: Estudos de Gênero, Sexualidade, Diferença e Educação*, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (FACED/UFU), ministrada pela co-autora deste trabalho, onde ela apresentou à turma um conjunto de dossiês que envolviam as temáticas de Corpo, gênero, Sexualidade e Educação em periódicos nacionais. A partir desse conjunto, fomos em busca de trabalhos que se referissem ao entrelaçamento transexualidade e educação. Localizamos 18 dossiês no período, publicados no período de 1995 a 2016, em periódicos da área de educação, da área dos estudos feministas e de gênero.

A publicação do primeiro dossiê em 1995, intitulado *Gênero e Educação*, na Revista Educação & Realidade, organizado por Marisa Vorraber Costa, e, posteriormente, a produção da obra “*Gênero, sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*”, no ano 1997, por Guacira Lopes Louro são marcos de constituição do campo dos estudos de gênero e educação no território nacional (CÉSAR; ALTMANN, 2009). No dossiê, consta o texto fundante do debate do conceito gênero na área da educação, no Brasil: ‘*Gênero: uma categoria útil de análise histórica*’, de autoria de Joan Scott, cuja tradução é também apresentada no referido dossiê, pela professora/pesquisadora Guacira Lopes Louro, que também apresenta o artigo ‘*Gênero, História e Educação: construção e desconstrução*’, onde ela analisa o texto de Scott. Constam do dossiê dois outros trabalhos muito importantes para a ampliação do campo dos estudos de gênero no Brasil, o texto *A dominação Masculina*, de Pierre Bourdieu, o texto *Políticas da masculinidade* de Robert W. Connell e o texto *Raciocínio em tempos pós-modernos*.

dernos de Valerie Walkerdine. O dossiê trouxe assim uma grande contribuição para a ampliação dos horizontes do debate no campo da educação, no que se refere ao debate do campo dos estudos de gênero.

Os dossiês *Produção do Corpo*, Revista Educação & Realidade, organizado por Rosa Maria Bueno Fischer(2000), *Gênero e Educação*, Revista Estudos Feministas, organizado por Guacira Lopes Louro e Dagmar Estermann Meyer(2001), *Gênero Sexualidade e Educação*, Educação em Revista, organizado por Dagmar Estermann Meyer e Guacira Lopes Louro (2007) e *Educação, Gênero e Sexualidade*, organizado por Joaquim Brasil Fontes (2008), são apresentados no dossiê ‘*Gênero, Sexualidade e educação: novas cartografias, ve-llhos problemas*’, organizado por Maria Rita de Assis César e Helena Altmann (2009). Nele, encontramos um mapeamento das reflexões brasileiras sobre gênero, sexualidade e educação. As autoras sinalizavam para o grande número de grupos de pesquisa registrados no Diretório de Pesquisa do CNPq, a quantidade significativa de dissertações e teses, artigos científicos e eventos sobre o tema, além do Grupo de Trabalho (GT 23) – Gênero, sexualidade e Educação da ANPED – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação.

Tal visibilidade foi sinalizada e ampliada por Jane Felipe (2007)⁸ em uma investigação do levantamento de pesquisas no campo da Educação sobre gênero e sexualidade, mostrando a essa visibilidade

[...] não só na ampliação de espaços acadêmicos que abrigam linhas de pesquisas e grupos de estudos na área de gênero em vários campos do conhecimento e diversas matrizes teóricas, mas também se expressa na formulação de políticas públicas e em linhas de financiamento específicas, implementadas por algumas agências nacionais e internacionais de fomento à pesquisa. A própria constituição do GT 23 – Gênero, Sexualidade e Educação – na ANPED de 2005, mostra o reconhecimento e a sensibilidade da comunidade acadêmica para com essas questões [...]. (p. 78).

A autora reforçou que a consolidação dos Estudos de Gênero, dos Estudos Gays e Lésbicos e da Teoria Queer no campo acadêmico construiu sinalizações e possibilidades de pensar ‘[...] muitas formas de viver as masculinidades e as feminilidades’ (p. 77), de trazer ‘[...] à cena temas considerados menores’ (p. 78) e percebermos o quanto estão ‘[...] implicados numa construção histórica, política e social’ (p. 81).

⁸ FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. **Pro-Posições**, v. 18, n.2, mai./ago. 2007, p. 77-87.

O dossiê, Gênero, sexualidade, cinema e educação, organizado por Anderson Ferrari (2009) e publicado na Revista Educação em Foco, apresenta um conjunto de artigos que tem como campo de discussão os Estudos Queer, os Estudos Culturais, as perspectivas de corpo, sexualidade e cuidado de si do filósofo francês Michel Foucault, as perspectivas feministas de cunho pós-estruturalistas, para problematizar e apresentar produções cinematográficas e suas leituras dos corpos, dos gêneros, das masculinidades, das feminilidades, da homossexualidade, da juventude e sexualidade e do entrelaçamento entre pedofilia e políticas públicas no enfrentamento às violências sexuais. O dossiê, apresenta assim atualizações e ampliações de temáticas no campo dos estudos de gênero, sexualidade e educação no diálogo com a linguagem e leitura cinematográfica.

Ferrari, em 2010, organiza outro dossiê que é publicado na Revista de Estudo e Pesquisa em Educação – Instrumento e intitulado *Gênero, Sexualidade e Educação*. Com o dossiê é possível perceber, como destaca o organizador no texto de apresentação, o crescimento, a constituição e o fortalecimento de grupos de Estudo e de Pesquisa em Gênero e Sexualidade no Brasil, de pesquisa em programas de pós-graduação, de eventos acadêmicos e de pesquisa importantes no Brasil. O dossiê apresenta um conjunto de artigos que problematizam: as identidades universais, essencialistas, a-históricas, normalizadas e naturalizadas, as categorizações, os binarismos e as simplificações; a interseção entre gênero, raça, classe e poder; as complexas relações existentes entre a formação docente, o currículo e a legitimação de determinados saberes; os “regimes de verdade” em determinados momentos históricos e que relações apresentam essas conformações com as relações de desigualdade entre os gêneros. A produção envolve perspectivas plurais, com fundamentações a partir da Psicologia, da História, da Sociologia, da Filosofia, da Pedagogia e da Arte que atravessam o campo educacional. Temas como homossexualidade, maternidade, feminilidade, gêneros e sexualidades, travestis e escolas, gênero e formação docente, mulheres e ciência, corpos e escolarização, corpo, gênero, sexualidade e abjeção, educação sexual na escola, diferença sexual, história da ciência e gênero, masculinidades e infâncias estão presentes, de modo que se demarca um campo produtivo e em crescimento na área.

Em 2011, Cristiani Bereta da Silva e Paula Regina Costa Ribeiro, organizam e publicam o dossiê *Gênero e Sexualidade no espaço escolar*. Nele as autoras reúnem um conjunto de trabalhos problematizam e apresentam questões

relacionadas tanto às sexualidades quanto ao gênero no campo escolar e em outros espaços educativos. Os/as autores/as pertencem a grupos de pesquisas nacionais e internacionais do campo. Assim, os temas da escola mista, escolas normais, co-educação e feminização, profissão docente e relações de gênero, prática docente, gênero e educação física, práticas pedagógicas, gênero e superdotação, sexualidade, sala de aula e artefato pedagógico, ciborguização da juventude na interface entre currículo, normas de gênero, transexuais e transgêneros constituem o dossiê. Ele traz para o campo do debate no campo dos estudos de gênero, sexualidade e educação a centralidade da escola e da sala de aula. É muito importante demarcar que é nele que o texto de autoria de Berenice Bento, *Na escola que se aprende a diferença que a diferença faz*, fundador do debate da transexualidade e educação escolar, é publicado.

Dagmar Estermann Meyer e Rosângela de F. R. Soares (2012, p.1), na organização do dossiê *Feminismos e Educação: olhares, ênfases e tensões*, Revista Labrys – Estudos Feministas, defendem a premissa de que “[...] de que o gênero funciona como um organizador do social e da cultura [...]. Desse modo, elas reúnem um conjunto de autoras de diferentes regiões brasileiras e de fora do Brasil, com distintas perspectivas teóricas e abordagens e recortes temporais, defendem que o dossiê sinaliza para a noção de educação como “[...] um território estratégico para pensar e intervir quando se trata de questões e desafios que emergem no contexto das relações de gênero e sexualidade”. (p.1).

Em 2014 é publicado dossiê, no periódico Educar e Revista (Universidade Federal do Paraná), organizado por Maria Rita de Assis César, Dagmar Estermann Meyer e Jamil Cabral Sierra, onde a Teoria Queer é assumida já em seu título - Gênero, Sexualidade e Educação: feminismos, pós-estruturalismo e Teoria Queer. Os trabalhos de pesquisadores/as do país e de fora dele vinculados/as a grupos de pesquisas, universidades, programas de pós-graduação e, muitos deles/as, ao GT 23 – Gênero, sexualidade e Educação da ANPED, ancoraram-se na vertente pós-estruturalista, com centralidade nos estudos foucaultianos. O dossiê aborda temas como:

a crítica ao modelo da família nuclear heterossexual; processos de produção de identidades sexuais e de gênero juvenis; práticas discursivas sexistas regionais; homossexualidade na escola; a crítica às políticas de identidade nos movimentos LGBT e na educação, tendo em vista uma escola e uma educação queerizada; processos de produção de identidades de gênero na educação a distância; modelos sexuais

e de gênero presentes na literatura para a infância; uma experiência de produção de saberes e linguagens com a população de travestis na Argentina; o lugar das discussões sobre gênero e transexualidade nas escolas francesas e um estudo que mapeia e problematiza a produção de teses e dissertações sobre a escolarização da sexualidade no cenário brasileiro. (CÉSAR, MEYER; SIERRA, 2014, p. 2).

No mesmo ano, 2014, Constantina Xavier Filha e Márcio Caetano organizam e publicam o dossiê *Gênero, Sexualidades e Teoria Queer: diálogos com a Educação*, na Revista Periódicus - revista de estudos indisciplinares em gêneros e sexualidades. Os/as autores/as dos artigos que constituem o dossiê problematizam “[...] o ideário hegemônico que alicerçou a sexualidade e o gênero nos limites de anúncio do “Ser Moderno” marcado pela pele do homem branco, proprietário e judaico-cristão: O Sujeito Universal – a base do sistema político-sexual heterossexual”. (XAVIER FILHA; CAETANO, 2014, p.1-2). Os/as autores/as dos artigos publicados, pertencentes ao GT-23 da ANPED, foram convidados/as a apresentarem os trabalhos já debatidos no referido grupo, na forma de comunicação oral em reunião nacional da associação. Os temas abordados foram: currículo e masculinidades, formação docente e homossexualidade, sexualidades, gêneros, papel da escola e políticas LGBT, educação infantil, gênero e sexualidade, feminilidade e música, meninas e gravidez, corpo e sexualidade, a educação rizomática a partir das potências queer e as trajetórias teórico-metodológicas das pesquisas apresentadas no GT-23 da ANPED.

Ressaltamos que ao enveredarmos na busca encontramos o Dossiê “*Vivências Trans: desafios, dissidências e conformações*”⁹, organizado pelas pesquisadoras Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012), na revista Estudos Feministas. O grupo de pesquisadores/as que compõe o dossiê é oriundo das áreas da Psicologia, da Antropologia, do Direito, da História e suas articulações com a Saúde Coletiva, Ciências Sociais, Saúde Pública e Assistência Social, inclusive com homem trans compondo a escrita do texto ‘*Homens trans: novos matizes na aquarela das masculinidades*’ - Guilherme Almeida¹⁰ (UERJ). O dossiê

⁹ In: **Estudos Feministas**, v.20, n.2, Florianópolis, mai./ago. 2012.

¹⁰ Encontramos com Guilherme Almeida (UERJ) durante a realização da mesa redonda ‘Visibilidades LGBT, feministas e Queer: outras pedagogias, novos olhares’ durante o ‘V Simpósio de Educação Sexual – Saberes/trans/versais, currículos identitários e pluralidades de gênero de 26 a 28 de Abril/2017 na Universidade Estadual de Maringá. A mesa foi composta pela professora Ludmila Castanheira (UEM) que abordou a ‘Performance arte: táticas pedagógicas’, pelo professor Jamil Cabral Sierra (UFPR) ‘Diversidade Sexual e movimentos sociais LGBT no Brasil: da parceria de ontem à ruptura de hoje’. O professor dialogou com ‘Notas sobre experiências trans e espaços

se propôs ventilar caminhos que potencializem atravessamentos, falhas e (re)arranjos nas linguagens dominantes sobre sexualidades, gêneros e corpos. No entanto, compreendemos que discursos dominantes, reguladores e os que indicam falhas, ressoam no campo da Educação, sobretudo no Ensino de Biologia, criando desafios, dissidências e conformações. Nesse sentido, produções de alguns pesquisadores/as desse grupo compôs a escrita da tese como aliados/as no enfrentamento dos marcos patológicos e do reducionismo biológico que são acionados na regulação e normalização dos corpos e subjetividades das pessoas *trans* no espaço do Ensino de Biologia.

O dossiê '*Resistências, experiências, afetividades, imagens e corpos... abrindo os porões e as poéticas das relações de gênero, sexualidades e educação*' (FERRARI; RIBEIRO; CRUZ, 2016)¹¹, pautado nas teorizações pós-estruturalistas e nas contribuições dos estudos feministas, de gênero, culturais, Gays e Lésbicos e da Teoria Queer, apresenta temas que ainda permanecem marginais no âmbito da educação. Os/as organizadores/as, convidam a "[...] (re)pensar modos de existência [...] que dancem, façam piruetas, abram janelas, portas, saiam a bailar pelas ruas" (p. 16), e a indagar sobre "[...] qual é a estética da existência que temos bordado nas nossas práticas cotidianas, aquelas que estabelecemos conosco e com os outros" (p. 16). Desse modo, o primeiro ponto pensado pelos/as organizadores/as do dossiê foi um olhar para aparatos culturais (filmes) como textos culturais que (trans)mitem significados, sentidos, enunciados e discursos, resultando na tomada de uma 'verdade'. O outro ponto foi o trabalho sobre si a partir do encontro com a diferença: "[...] enriquecedor até motivo de estigma, e discriminação [...] diante da necessidade de controle dos corpos, dos sujeitos, dos nomes e dos padrões de existir" (p. 15). Nesse contexto, eles/as ensaiaram uma poética das relações de gênero, sexualidades e educação permitindo pensar na "[...] poética da diferença e em um tipo de fascismo homogeneizador que se manifesta nas grandes políticas do Estado e do cotidiano". (p. 15).

Ficamos entusiasmados ao encontrar com esse dossiê. Um título bastante sugestivo à temática da proposição do nosso trabalho, em meio as resistências, experiências, corpos, afetividades, o cotidiano e poéticas de gênero, sexualidades

escolares'. A mesa contou com a moderação de duas mulheres *trans* – Daniele Oliveira (Graduada em Pedagogia pela UEM) e Naomi Neri Santana (Graduada em Ciências Biológicas pela UEM).

¹¹ In: **Pro-posições**, v.27, n.1, jan./abr. 2016.

dades e educação. No entanto, não encontramos discussões que apontassem sobre a transexualidade e suas articulações com o espaço escolar.

Destacamos que os dossiês ‘Gêneros e sexualidades: desafios e potencialidade para a educação em tempos de conservadorismos’, organizado por Frederico Cardoso e Anderson Ferrari (2016), publicado na Revista Artémis e ‘Educação, Sexualidade e Gênero’, organizado por Jainara Gomes de Oliveira e Leandro Leal de Freitas, na Revista Café com Sociologia (2017) foram propostos a partir dos atuais debates das relações de gênero e sexualidades em um contexto político desafiador e de acirradas disputas/tensões que marcam as agendas dos direitos humanos, das noções de igualdade de gênero e da diversidade sexual nas políticas educacionais brasileiras, organizadas “[...] em torno dos significados dos conceitos de gênero e sexualidades como problema” (CARDOSO; FERRARI, 2016, p. 3).

Nesse movimento, os dossiês apontam que a institucionalização dos Estudos de Gênero como um campo científico profícuo com a manutenção viva do debate e do fomento de investigações vem sendo ameaçada pela empreitada do conservadorismo fundamentado em crenças religiosas de modo marcante, no Brasil, de modo marcante no âmbito do legislativo, de segmentos da grande mídia, por parte de alguns segmentos do setor jurídico, da sociedade civil e de determinados grupos religiosos, nos últimos anos. Nesse processo, destacamos o movimento *Escola Sem Partido* que tem conquistado espaço no Congresso Nacional e nas Câmaras Municipais e Estaduais brasileiras, somado a “[...] propagada ideologia de gênero; expressão que parecia ganhar força desde o ano anterior quando, em 2014, passou a circular nos debates que envolviam a elaboração do Plano Nacional de Educação (PNE) em todo o Brasil” (CARDOSO; FERRARI, 2016, p. 1).

Nesses tempos sombrios, acompanhamos uma série de manifestos e resistências ao movimento citado e ao discurso sobre a “igualdade de gênero”, nas quais destacamos: o posicionamento do GT 23 – Gênero, Sexualidade e Educação na 37^a e 38^a Reuniões Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)¹²; a 13^a Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste¹³; o VI Encontro Nacional de Ensino de Biologia e VIII Encontro Regional

¹² De 04 a 08 de Outubro de 2015. UFSC, Campus Florianópolis. Tema: Plano Nacional de Educação: tensões e perspectivas para a Educação Pública brasileira.

¹³ De 06 a 09 de Novembro de 2016. Brasília/DF. Universidade de Brasília (UNB). Tema: Projeto Nacional de Educação: desafios éticos, políticos e culturais.

de Ensino de Biologia – Regional 314; o VII Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura (ABEH)¹⁵ e o 13º Mundo de Mulheres e Fazendo Gênero 1116.

Há nos dossiês, referidos por último neste artigo, discussões sobre o *Movimento Escola sem Partido* (MESP) e sobre a denominada ‘ideologia de gênero’, com a ênfase de que tal expressão é inexistente no campo dos Estudos de Gênero e ela se trata de uma estratégia no sentido de deslocar o conflito para questões morais e de cunho individual, “[...] negando as pautas coletivas da luta pela igualdade de gênero e contra a homofobia [...]” (AMORIM; SALEG, 2017, p. 38). As autoras apontam para os riscos, as proposições, as imposições das discussões de gênero, corpo e sexualidade nas escolas, de acordo com o MESP.

Na mesma esteira, encontramos artigo que apresenta e questiona o contexto de tensões nas sessões de votação do Plano Municipal de Educação de Maringá/PR, em junho de 2015. As autoras problematizaram a interferência religiosa e conservadora nas políticas públicas e educacionais sobre gênero, sexualidade e diversidade e, se reportaram ao ‘de-generar’ a, vinculando a ideia de: “[...] retirar, suprimir, rasurar, alterar. Significa, num jogo de palavras capcioso e provocativo, que algo escorrega, escapa, faz-se ausente e nos possibilita pensar os efeitos da omissão, como também da importância de se discutir gênero nas escolas” (PEREIRA; CARVALHO, 2017, p. 75).

Cabe assinalar que, desde 2008, houveram inúmeras tentativas de interferência e anulação da inserção de políticas públicas para gênero e diversidade nos Planos e Documentos educacionais. Essas políticas têm ganhado força desde 2013 com a construção de um dispositivo que denominaram ‘Ideologia de Gênero’, marcando a força da imposição da retirada da palavra gênero nos Planos de Educação e o deslocamento da categoria de gênero que “[...] tem sido (des)apropriada por esses discursos que, por efeitos e representações, transformam as sexualidades diferenciadas, as políticas públicas e educacionais contra violência de gênero e a favor da alteridade em ameaças à família e à constitui-

¹⁴ De 03 a 06 de Outubro de 2016. Maringá/PR. Universidade Estadual de Maringá/PR. Tema: Políticas Públicas educacionais: impacto e proposta ao Ensino de Biologia.

¹⁵ De 23 a 25 de novembro de 2016. Juiz de Fora/MG. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

¹⁶ De 30 de julho a 04 de agosto de 2017. Florianópolis/SC. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tema: Transformações, conexões e deslocamentos.

ção do Estado” (PEREIRA; CARVALHO, 2017, p. 79). Com isso, há a reiteração dos argumentos em prol da família e da moral; do alinhamento entre sexo-gênero-sexualidade-desejo-prática sexual; da imposição cis heteronormativa aos corpos como a possibilidades culturais inteligíveis de se viver a sexualidade.

A exclusão das palavras gênero e orientação sexual dos Planos de Educação potencializou uma situação de invisibilidade social, cultural, política e econômica, bem como um esvaziamento contundente das políticas contrárias às violências simbólicas, psíquicas e físicas a que estão submetidas/os as mulheres e os corpos diferenciados, ao menos, em termos de metas, objetivos e cumprimentos educacionais. (PEREIRA; CARVALHO, 2017, p. 82).

As autoras defendem que cabem aos corpos, sexualidades e gêneros silenciados “[...]subverter os afetos tradicionais e normativos, fraturar os regimes de Estado, presentes na construção de saberes escolares, e a possibilidade de um campo de resistências ainda impensável dentro das escolas” (PEREIRA; CARVALHO, 2017, p. 83).

O dossiê ‘Gênero, Sexualidades, Política e Educação’¹⁷, publicado na Revista Artes de Educar, reúne artigos que discutem a temática do gênero e das sexualidades no campo da educação e áreas afins. As organizadoras, Denize Sepulveda e Amana Mattos, indicam que os trabalhos consideram as macro e micropolíticas educacionais e os ‘riscos’ no campo do gênero e da sexualidade. A composição do dossiê está em diálogo com os espaços cotidianos da Educação, tais como: as políticas públicas conservadoras, as pautas fundamentalistas e reacionárias; os retrocessos nos direitos de mulheres, pessoas negras, indígenas e LGBTIS; os jovens e demais grupos minoritários; os movimentos ultraconservadores de hierarquias sociais, morais e políticas com os propagados ‘riscos’ da chamada ‘ideologia de gênero’; o surgimento e a manutenção de práticas potentes de resistências e de desestabilização da cisheteronormatividade, entre estudantes e docentes; a produção de reflexões, por pesquisadores/as de gênero e sexualidades, com novas formas de (re)existir nos vários espaços e tempos educacionais.

Os trabalhos reunidos por Sepulveda e Mattos (2017) articulam discussões que pensam o corpo em nuances e possibilidades de existência, como suporte criativo para processos performativos que tencionam os limites do gênero e das sexualidades; não acatam o silenciamento de experiências dissiden-

¹⁷ In: **Revista Arte de Educar**. Rio de Janeiro, v.3, n.1, mar./jun. 2017.

tes, pautam sentidos outros; tencionam a produção de modos normalizados de existência na escola e reforçam o espaço escolar como lugar onde as tramas do poder cria embaraços e caminhos, ora com exclusões e marginalizações, ora com possibilidades de agências.

Já o trabalho de Lucas Gabriel Franco Gomez (2017)¹⁸ apresenta discussões m torno da questão de gênero nos Planos Nacionais de Educação, sublinhando a “Escola sem Partido” como uma defesa da escola do partido absoluto e único: da intolerância às diferenças de conhecimento, de educação, de gênero, de etnia, dentre outros. Vera Lucia Marques da Silva (2017)¹⁹ destaca que o programa²⁰ é formado por pais e estudantes “[...] que acreditam que a escola tem sido palco de supostas manipulações político-ideológicas dos alunos por parte dos professores” (SILVA, 2017, p. 159). A autora afirma:

Em um contexto de forte conservadorismo no Congresso Nacional brasileiro o Programa *Escola sem Partido* parece ser uma resposta destes grupos conservadores ao avanço das agendas políticas feminista e LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (Transsexuais e Travestis). Não se pode dizer que este Programa está apenas preocupado com o que denomina “ideologia de gênero”. Ao que parece, a preocupação se concentra em todas as ideias que divergem do discurso dominante, ainda que não se possa afirmar com precisão qual é o discurso dominante. Mas, como se verá mais adiante, manter a heterossexualidade como norma e homens e mulheres nos seus “devidos lugares”, invisibilizando outras possibilidades, se constitui em uma das maiores preocupações do Programa’. (SILVA, 2017, p. 159).

Apesar de já termos apontado, em nosso caminhar pelas pesquisas e pelos territórios escolares, que o silenciamento aos debates das diversas possibilidades de experienciar os gêneros e as sexualidades já fazem parte da constituição e dinâmica do contexto escolar, o movimento “Escola sem Partido” manifesta “[...] claramente em oposição às iniciativas de capacitação de educadores para abor-

¹⁸ In: **Revista Café com Sociologia**. A questão de Gênero nos Planos Nacionais de Educação, v.6, n.1, jan./abr. 2017, p. 31-52.

¹⁹ In: **Revista Café com Sociologia**. Educação, Gênero e Sexualidade: algumas reflexões sobre o Programa Escola Sem Partido, v.6, n.1, jan./abr. 2017, p. 158-172.

²⁰ O Programa *Escola sem Partido* é coordenado pelo procurador do Estado de São Paulo Miguel Nagib e delineado pelos seguintes projetos: PL 7180 e 7181, ambos de 2014, de autoria do deputado Erivelton Santana do Partido Ecológico Nacional (PEN), representante da Bahia, e PL 867 de 2015 de autoria do deputado Izalci do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), eleito pelo Distrito Federal. Além destes, inclui-se também o projeto de lei 193 de 2016 do senador Magno Malta do Partido da República (PR), representante do Espírito Santo. Vale ressaltar que os projetos 7181/14 e 867/15 tramitam apensados ao PL 7180/14. (SILVA, 2017, p. 164).

dar questões de gênero e diversidade sexual nas escolas. Questões estas que a tão duras penas os movimentos feminista e LGBT viram ser acolhidas pelo Governo Federal” (SILVA, 2017, p. 168). Essa autora informa ainda que a grande falácia

[...] é a de que a vida sexual faz parte da privacidade de cada um. Na verdade, as únicas identidades sexuais que, de fato, são reduzidas ao mundo da vida privada, são aquelas que divergem da norma heterossexual, uma vez que o pressuposto da heterossexualidade se encontra explicitamente revelado em diversos elementos da vida social e escolar. (p. 170).

Desse modo, podemos nos perguntar: por que tantas instituições sociais atuando na promoção e controle de um determinado padrão sexual? Qual o medo e o temor dos debates? Silva (2017) enfatiza que tais discussões no espaço escolar produzem transgressões e potencialidades de alterações das relações de poder e hierarquias cristalizadas para além dela, com repercussões em diversos âmbitos sociais, tais como: o questionamento das normatizações que definem o normal e o patológico; a produção de olhares outros sobre, por exemplo, a transexualidade e a intersexualidade, libertando-as da atribuição patológica assegurada pelo poder médico.

A presença de pessoas transexuais e travestis nas escolas nos dossiês mapeados

A partir do mapeamento acerca da sexualidade, gênero e educação, passamos a buscar por trabalhos, presentes nos dossiês analisados, que se centrassem nas pessoas transexuais e travestis nas escolas brasileiras, e assim, encontramos alguns trabalhos expostos no Quadro 01 a seguir.

Quadro 01 - Distribuição dos trabalhos encontrados nos dossiês que dialogam com transexuais e travestis nas escolas brasileiras, por título e autores/as

Dossiê: Gênero, Sexualidade e Educação: novas cartografias, velhos problemas Periódico: Educar em Revista	
Título do Trabalho	Autores/as
Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”	Maria Rita de Assis César

Dossiê: Gênero, Sexualidade, Cinema e Educação Periódico: Revista Educação em Foco	
'Ma vie en Rose': gênero e sexualidades por enquadramentos e resistências	Anderson Ferrari
Dossiê: Gênero, Sexualidade e Educação Periódico: Instrumento – Revista de Estudo e Pesquisa em Educação	
Saberes, poderes, verdades: imbricando rizomaticamente gêneros, sexualidades e E(e)ducação	
Saberes, poderes, verdades: imbricando rizomaticamente gêneros, sexualidades e E(e)ducação	Cláudia Maria Ribeiro Ricardo de Castro e Silva
Corpo polissêmico: a trajetória e os atos de currículos de uma professora que transita na inteligibilidade social de gênero	Márcio Rodrigo Caetano Regina Leite Garcia
Um corpo entre o gênero e a sexualidade: notas sobre educação e abjeção	Fernando Pocahy Priscila Gomes Dornelles
Travestis, escolas e processos de subjetivação	Wiliam Siqueira Peres
Dossiê: Gênero e Sexualidade no Espaço Escolar Periódico: Revista Estudos Feministas	
Na escola se aprende que a diferença faz a diferença	Berenice Bento
Dossiê: Gênero, sexualidades e teoria Queer: diálogos com a Educação Periódico: Revista Periódicus	
Por uma educação rizomática: sobre as potências queer, a política menor e as multiplicidades	Rodrigo Borba Fátima Lima
Dossiê: Gêneros e sexualidades: desafios e potencialidades para a Educação em tempos de conservadorismos	
Os/as trans são vistos/as na escola?	Naomi Neri Santana Alexandre Luiz Polizel Eliane Rose Maio

Dossiê: Educação, Sexualidade e Gênero	
Periódico: Revista Café com Sociologia	
O conjunto das exclusões: intersecções entre vivência(s) trans* e ambiente escolar na cidade de Natal/RN	Tarcisio Dunga Pinheiro
Corpo e agência: temas para experiências didáticas	João Roberto Bort Júnior

Fonte: Páginas eletrônicas das revistas

O trabalho ‘Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”’ de Maria Rita César (2009), a partir de uma perspectiva ancorada nas noções de dispositivo da sexualidade, da biopolítica e dos questionamentos oriundos dos estudos queer, aponta para as (in)compreensões sobre a diversidade sexual nas práticas escolares. Para ela, a diversidade sexual é reproduzida pelo dispositivo de controle dos corpos e do regime biopolítico. Com isso,

[...] a experiência da transexualidade se torna verdadeiramente insuportável do ponto de vista da instituição escolar, pois, diante de seus corpos transformados, a fala competente da instituição não vê esperança de retorno à norma heterossexual. Assim, aquilo que resta é o afastamento desses corpos indesejáveis, isto é, a expulsão, que hoje se constitui em um elemento importante da evasão escolar. (CÉSAR, 2009, p. 47).

No entanto, a autora aponta que os rastros dos estudos queer apostam nas articulações com o subversível, com o impensável, com o estranho que assume o desconforto da ambigüidade, do ‘entre lugares’ e com o incômodo aos currículos e às práticas pedagógicas, visibilizando a composição contemporânea de alunos/as e professores/as gays, lésbicas, bissexuais e transexuais na instituição escolar.

No texto ‘Ma vie en Rose’: gênero e sexualidades por enquadramentos e resistências’, Anderson Ferrari (2009)²¹ toma a produção ‘Ma vie en Rose’ como um artefato cultural e detonador das discussões de investimento dos dispositivos de disciplinarização, normalização dos discursos e processos de transgressão e resistência dos/as personagens Ludovic e Cristine. O trabalho é um convite a debater a produção dos corpos, gêneros, sexualidades, das identidades e das

²¹ In: Revista Educação em Foco, v.14, n. 1, 2009, p. 117-141.

diferenças a partir dos Estudos Feministas, tendo como abordagem teórica o pós-estruturalismo nas contribuições das relações de poder-saber e o governo dos corpos. O autor apresenta como o filme realiza a tentativa de capturar as personagens e enquadrá-las como homossexual ou ainda como transexual e apresenta o corpo como local “[...] em que a cultura vai se inscrevendo, lugar de marcação, fundamentado no biológico e referenciado na regra – “você tem esse corpo e não pode ser nada diferente dele” (FERRARI, 2009, p. 133). Ele ainda apresenta o corpo como “[...] algo sempre provisório, passível de receber modificações [...] local de intervenção, de disciplinarização e de controle. (p. 135).

Ribeiro e Silva (2010), no texto ‘*Saberes, poderes, verdades: imbricando rizomaticamente gêneros, sexualidades e E(e)ducação*’, nos convida para um desmonte das palavras Gênero, Sexualidade e Educação como dispositivos de controle “maior”, de convenções, de limites, de barreiras, e a resignificá-las em espaços de uma educação “menor”, de rupturas e resistências. Utilizando os conceitos de dispositivo da sexualidade, a figura do anormal de Michel Foucault, a perspectiva do rizoma e do *devir* em Deleuze e Guattari, do *porvir* de Larrosa e da educação menor de Sílvio Gallo, a autora e o autor apresentam uma crítica aos saberes, poderes e verdades que encenam um extremo controle dos corpos, destacando que ao mesmo tempo os corpos escapam, resistem e transgridem fronteiras, por isso deslocam e potencializam a grafia da palavra E(e)ducação (movimentos normativos e de fugas).

O texto coloca-nos diante de exemplos de encenações de pessoas *trans* de modo a buscar pelo exercício de criar articulações entre gênero, sexualidade e educação que possam liberar devires cujas linhas, múltiplas e errantes, inventam fugas e escapes, em constante combate com o sistema pontual normativo “maior”: [...] *nasci homem, transformei meu corpo num corpo de mulher e desejo outra mulher; sou uma travesti que amo e transo com um homem masculino que pede que eu o penetre... afinal o que somos???* Somos bons amantes! (RIBEIRO; SILVA, 2010, p. 150).

Em “*Corpo polissêmico: a trajetória e os atos de currículos de uma professora que transita na inteligibilidade social de gênero*”²², Márcio Rodrigo Caetano e Regi-

²² Esse texto é oriundo da tese de Doutorado do autor e orientado pela co-autora. Ver. CAETANO, Márcio Rodrigo. **Gênero e sexualidade: um encontro político com as epistemologias de vida e os movimentos curriculares.** 2011. 232f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

na Leite Garcia (2010) elegeram a trajetória de uma professora *trans* para discutirem a corporalidade que não se captura em discursos normativos e os encontros/confrontos nos espaços da escola. O/a autor/a marcaram, a partir de reflexões foucaultianas do sexo como ‘ideal regulatório’, do dispositivo da sexualidade, do poder disciplinar e dos estudos culturais, que a iniciação profissional da professora operou-se na intensificação de uma vigilância do desejo, do discurso e da vestimenta, afiançando a heteronormatividade, e que sua narrativa biográfica apresenta uma potencialidade para pensar a sexualidade com um dispositivo criativo (a invenção de si) e um infinito e instigante caminhar em busca da autossatisfação.

Na pesquisa de doutorado, Márcio Caetano (2011) mostra que as narrativas de professores e professoras que transitam na ilegibilidade ou na incerteza heteronormativa reforçam a coerência das estruturas corpóreas e das manifestações de desejos normatizados e legitimados socialmente. No entanto, também foi possível encontrar nesse processo que “[...] a ‘masculinidade’ e ‘feminilidade’ têm sido ampliadas e o corpo anatômico é apenas um suporte de invenções estimuladas pela sexualidade” (CAETANO, 2011, p. 7). Os/as professores/as proporcionam novos arranjos “[...] pelas sexualidades e pelos gêneros improvisam outros arranjos identitários interagindo com os movimentos curriculares e produzindo tensões cotidianas na escola” (p. 7).

No texto ‘*Um corpo entre o gênero e a sexualidade: notas sobre educação e abjeção*’, Fernando Pochay e Priscilla Dornelles (2010) problematizaram os processos de constituição das figuras abjetas para a educação, se ocupando dos jogos de poder que hierarquizam e determinam epistemologias normativas em relação ao gênero e à sexualidade. Movimentados pelos conceitos foucaultianos, butlerianos e pelo conceito de pedagogias de gênero e da sexualidade, debatido por Louro (1999), Pochay e Dornelles tornaram visíveis, no artigo, pessoas tidas como abjetas da sexualidade, o reservo e o embaraço do gênero, dos corpos que escapam (ou tentam) do disciplinamento. Assim, evidenciaram que “[...] uma vida travesti não encontra referências “positivas” ou pistas de reconhecimento no espaço social público que lhe dê condições de “fazer” seu gênero e sua vida” (p. 129), expondo discentes e docentes *trans* às situações de desviantes, indizíveis, marginais e em vigilâncias constantes. No entanto, estas condições não são aceitas sem resistências; esses corpos indóceis revelam “[...] possibilidades de novas formas de pensar sobre as práticas sociais e sobre as instituições que mantemos e (re)criamos” (p. 133).

No artigo '*Travestis, escolas e processos de subjetivação*', Peres (2010) apresenta uma cartografia dos processos de subjetivação - processos normatizadores e dos processos singularizadores das travestis no trato com a escola. O autor utiliza-se de conceitos como o de *biopoder* de Foucault, de *materialidade dos corpos* de Judith Butler, e da noção de subjetivação em Deleuze, Guattari e Suely Rolnik para pensar os processos normatizadores – modo de viver estabelecido, regulado e disciplinado, os processos singularizadores – fugas, contra-poderes e resistências que facilitam a expressão da diferença, da singularidade, o dos modos desejantes potentes e criativos da vida travesti. Essa perspectiva o permitiu mapear “[...] os níveis de abertura ou fechamento frente ao contato com as diferenças, com novas possibilidades de existencialização, [...] as diversas linhas de sua composição e evidenciam uma complexa rede de saberes e poderes presentes” nos processos de subjetivação. (PERES, 2010, 63).

As cartografias possíveis sobre o universo escolar e a experiência travestis, construídas pelo autor, dizem respeito aos processos de estigmatização – “[...] existências restritas às experiências de discriminação (por serem travesti, pobre, negra), violências (físicas, psicológicas, morais), exclusão (familiar, escolar, social) e morte (física, civil)”. (PERES, 2010, 63).

Em '*Na escola se aprende que a diferença faz a diferença*' de Berenice Bento (2011) encontramos reflexões das respostas que a escola tem dado aos/às estudantes com performances de gênero que fogem ao considerado normal, sobretudo transexuais. A partir de suas referências, a autora afirma a existência de uma minuciosa capacidade performática da linguagem e contínua engenharia social/tecnológica que a reiteração da heterossexualidade como única possibilidade inteligível da pessoa viver a sexualidade. No entanto, autora demonstra a existência de corpos que escapam ao processo dessa produção inteligível. E assim, ao se produzirem fora dessa amarração, são olhados como abjetos, a exemplo dos corpos transexuais que são excluídos, por algumas pessoas e contextos sociais/institucionais da categoria ‘humano’ e, desse modo, confinados aos compêndios médicos que produz diagnósticos de “transtornos”, reforçando a patologização dessa experiência. Bento (2011) destaca que na escola há uma relação de disputa na produção incessante de um espaço de terror, de patologização, de reprodução da heteronormatividade e da ambivaléncia de sexo-gênero, e, na mesma medida, de contradiscursos em que nas frestas das normas, pessoas transexuais estão habitando e resistindo.

Em ‘Os/as trans são vistos/as na escola?’²³, Naomi Neri Santana, Alexandre Polizel e Eliane Rose Maio (2016), discorrem sobre as representações de professores/as de Ciências e Biologia sobre a temática transexualidade. Elas evidenciam a compreensão das pessoas *trans* como uma negação do processo natural da linearidade entre sexo-gênero-sexualidade, um desvio da conduta biológica. Já o texto de Tarciso Dunga Pinheiro (2017) ‘O conjunto das exclusões: intersecções entre vivência(s) *trans** e ambiente escolar na cidade de Natal/RN’²⁴ discute as narrativas de um caminho de busca por reconhecimento no cotidiano escolar de uma jovem transexual. A partir dos pressupostos conceituais de cidadania, reconhecimento e humanidade, trabalhados por Bento, o autor nos aponta o complexo emaranhado de práticas e discursos no/do espaço educacional que ora aproximam ora distanciam tais pressupostos das pessoas *trans*, alertando-nos para as estratégias de vivências, os agenciamentos táticas de negociação com as normas preestabelecidas e o não-lugar que demarcam a constante batalha das (trans)existência no espaço escolar.

Em ‘Corpo e agência: temas para experiências didáticas’, João Roberto Bort Júnior (2017) apresenta um relato de uma experiência didática com alunos/as e professores/as de escolas da rede estadual de São Paulo sobre as naturalizações de significados em torno do corpo. Ele estabeleceu uma comparação de práticas de produção corporal entre cisgêneros e transgêneros como um recurso didático-pedagógico. Com isso problematizou a constituição de múltiplas corporalidades, as fobias de gênero, demonstrando “[...] que as transformações de si, como as feminilizações ou masculinizações por cirurgias e tratamentos hormonais, não distinguem de intervenções que outros fazem em processos de construção de seus corpos” (p. 191), não sendo prerrogativas apenas dos/as transexuais e a constituição da ideia do corpo-agência.

Bort Júnior (2017) afirma que “[...] nossos corpos não são naturais; são culturalmente alterados igualmente pela heteronormatividade ou pela transexualidade [...] nenhum corpo é livre de modificações” (p. 199), ou seja, como finaliza o autor “[...] o corpo sempre, e não apenas pelos transgêneros, é alterado

²³ Ver: SANTANA, Naomi Neri.; POLIZEL, Alexandre Luiz; MAIO, Eliane Rose. Os/as *trans* são vistos/as na escola? **Revista Àrtemis**, v. XXII, n.1, jul./dez. 2016, p. 6-16. ISSN: 1807-8214. Esse projeto desdobrou no Trabalho de Conclusão de Curso de Naomi em 2016, intitulado ‘Transexualidades e formação de professoras/es: i como são vistas/os as/os *trans* na escola?’, sob orientação da professora Eliane Rose Maio.

²⁴ In: **Revista Café com Sociologia**, v.6, n.1, jan./abr. 2017, p. 124-137.

por nossas práticas culturais e, por não haver corpo estritamente biológico, não haveria sustentação para preconceitos contra outras corporalidades” (p. 188).

[In]conclusões

O mapeamento dos trabalhos nos dossiês apontam para a centralidade das discussões identificadas com as formulações pós-estruturalistas dos estudos de gênero, sexualidades, corpos e educação. São múltiplas as referências para pensar o campo e as pesquisas. A transversalidade com os distintos campos de conhecimento é bastante fértil para a problematização dos modos de vida e experiências *trans* e travestis. Nessa seara, o espaço escolar é tomado como uma instância que (re)produz saberes, poderes e verdades que regulam, disciplinam e controlam os corpos, por meio de processos normatizadores e de subjetivação.

Os trabalhos assinalam que a escola tem atuado como espaço de desrespeitos, atrocidades, terror e de patologização das experiências que são disidentes a heteronormatividade e à ambivalência de sexo-gênero. No entanto, mesmo diante dos disciplinamentos e regulações, os corpos resistem, potencializando processos de singularização em meio a fugas e contra-poderes que facilitam a expressão da diferença, de modos desejantes potentes e criativos dos corpos de travestis e transexuais.

Nos trabalhos elencados, as trajetórias escolares de travestis e transexuais, são permeados de processos normativos, mas também apresentam resistências, o que permitem-nos pensar o gênero e a sexualidade como processos criativos de invenção de si. As produções demonstram também, que a aliança entre educação e estudos queer permite desvelar um estranhamento ao dispositivo da sexualidade, às tecnologias biopolíticas e aos processos de disciplinarização e regulação dos corpos, e permite a aposta em uma educação rizomática que desafia, racha hierarquias classificatórias e nos leva a outras possibilidades de existência. Ela permite a aposta em outros devires-educação que frature o sistema pontual normativo e hierarquizador do corpo, dos sexos e dos gêneros.

Resumo: Na constituição de uma pesquisa de doutorado em andamento, que se movimenta entre o ensino de Biologia e a transexualidade, nos propusemos a mapear as publicações relacionadas às investigações acerca da vida, da presença e das trajetórias de pessoas *trans* na escola. Para tanto, fomos em busca das publicações em dossiês, que compõe periódicos nacionais da área de educação, com a intenção de realizar um mapeamento destes estudos. O acesso aos periódicos se deu

por meio do uso da ferramenta de busca no portal do google acadêmico. Ao nos deslizarmos entre as publicações, percebemos que a transexualidade pede passagem, índices de abertura, de devir, de acolhimento a novas experiências e de potencialização de novas formas de vida com manobras e estratégias que compõem novas paisagens no campo da educação. Um olhar cartográfico fez emergir as marcas da amplitude do campo, das (in)inteligibilidades, das possibilidades produtivas e dos tencionamentos diversos que gravitam em torno da transexualidade o que nos faz afirmar que há um emaranhado no campo da produção científica sobre a transexualidade e educação escolar onde se apresenta as muitas conexões entre a Antropologia, a Psicologia, a Educação, a Medicina, a Saúde Coletiva, entre outras áreas.

Palavras-chave: Transexualidade. Educação escolar. Dossiês.

Abstract: In the constitution of an ongoing doctoral research that moves between the teaching of biology and transsexuality, we propose to map howpublications related to the investigations about the life, the presence and trajectories of people in the school. To do so, we searched for publications in dossiers, which compose periodicals from the area of education, with the intention of carrying out a mapping of these studies. Access to journals was through the use of a search tool in the google academic portal. As we slide between publications, we perceive that transsexuality asks for passage, indices of openness, becoming, welcoming new experiences and potentializing new life forms with maneuvers and strategies that make up new landscapes in the field of education. A cartographic view has emerged as marks of the breadth of the field, the (in)telligibilities, the productive possibilities and the various tendencies that gravitate around transsexuality, which makes us affirm that there is a tangle in the field of scientific production about transsexuality and education where it presents itself as many connections between an Anthropology, a Psychology, an Education, a Medicine, a Collective Health, among other areas.

Keywords: Transsexuality. Schooling. Dossiers.

REFERÊNCIAS

- BENEDETTI, Marcos. **Toda feita:** o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENTO, Berenice. **O que é transexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n.2, mai./ago. 2011, p. 549-559.
- BORBA, Rodrigo; LIMA, Fátima. Por uma educação rizomática: sobre as potências queer, a política menor e as multiplicidades. **Periódicus – Revista de Estudos Indisciplinares em Gêneros e Sexualidades**. 2^a ed. nov.2014/abr.2015, UFBA: Salvador/BA, p. 1-14.
- BORT-JÚNIOR, João Roberto. Corpo e agência: temas para experiências didáticas. **Revista Café com Sociologia**, v.6, n.1, jan./abr. 2017, p. 188-200.
- CAETANO, Marcio Rodrigo Vale; GARCIA, Regina Leite. Corpo polissêmico: A trajetória e os atos de currículos de uma professora que transita na inteligibilidade social de gênero. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**. Juiz de Fora/MG, v. 12, n.2, jul./dez. 2010, p. 114-124.
- CARDOSO, Frederico; FERRARI, Anderson. Apresentação do Dossiê – Gêneros e sexualidades: desafios e potencialidade para a Educação em tempos de conservadorismos. **Revista Ártemis**, v. XXII, n.1. jul./dez. 2016, p. 1-5.
- CÉSAR, Maria Rita de Assis. Um nome próprio: transexuais e travestis nas escolas brasileiras. 32º Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação – ANPED – Sociedade, Cultura e Educação: novas regulações? **Anais...Caxambu**, out. 2009, p. 1-11. Disponível em: <<http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT23-5521--Int.pdf>>. Acesso em 02 de fev. 2014.

CÉSAR, Maria Rita de Assis; ALTMANN, Helena. Apresentação. **Educar**, Curitiba, n. 35, Editora UFPR, 2009.

CRUZ, Elizabete Franco. A identidade no banheiro: travestis, relações de gênero e diferenças no cotidiano da escola. In: Fazendo Gênero 8 – Corpo, violência e Poder. **Anais...**Florianópolis/SC, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, ago./2008, p. 1-8. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST5/Elizabete_Franco_Cruz_05.pdf>. Acesso em 06 de Agosto de 2015.

FRANCO, Neil; CICILLINI, Graça Aparecida. Universo *Trans* e Educação: construindo uma área de conhecimento. 37º Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação – ANPED – Sociedade, Cultura e Educação: novas regulações? **Anais...**Florianópolis/SC, out. 2015, p. 1-17. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT23-3602.pdf>>. Acesso em 02 de fev. 2016.

JUNCKES, Ivan Jairo. SILVA, Joseli Maria. Espaço escolar e diversidade sexual: um desafio às políticas educacionais no Brasil. **Revista de Didácticas Específicas**, n.1, p. 148-166, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e Educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, v.20, n.2, jul./dez. 1995, p. 101-132.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 1ª edição. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PEREIRA, Tamires Tolomeotti; CARVALHO, Fabiana Aparecida de. Um currículo degenerado: os Planos de Educação e a questão de gênero nos documentos educacionais. **Revista Artemis**, Vol. XXII no 1; jul./dez. 2016, p. 73-84.

PERES, William Siqueira. Travestis: subjetividades em construção permanente. In: UZIEL, Anna Paula.; RIOS, Luís Felipe.; PARKER, Richard Guy (Orgs.). **Construções da Sexualidade**: gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS. Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004, p. 115-128.

PERES, William Siqueira. Travestis brasileiras: construindo identidades cidadãs. In: GROSSI, Miriam Pillar et al (Orgs.). **Movimentos sociais, Educação e Sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005a, p. 53-68.

PERES, William Siqueira. **Subjetividade das travestis brasileiras**: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania. 2005. 202f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005b.

PERES, Wiliam Siqueira. Travestis, escolas e processos de subjetivação. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**. Juiz de Fora/MG, v. 12, n.2, jul./dez. 2010, p. 57-66.

POCAHY, Fernando; DORNELLES, Priscila Gomes. Um corpo entre o gênero e a sexualidade: notas sobre educação e abjeção. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**. Juiz de Fora/MG, v. 12, n.2, jul./dez. 2010, p. 125-135.

RIBEIRO, Cláudia Maria; SILVA, Ricardo de Castro e. Saberes, poderes, verdades: imbricando rizomaticamente gêneros, sexualidades e e(e)ducação. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**. Juiz de Fora/MG, v. 12, n.2, jul./dez. 2010, p. 147-154.

Recebido em Agosto de 2017.

Aprovado em Outubro de 2017.